
Resenha: Como ser um Educador Antirracista: Breve Análise do Sistema Educacional Vigente

PATRICIA FERNANDES COSTA ¹

"A educação é o ato de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos." (Pinheiro, 2023, p.20)

Ao provocar novas leituras críticas da realidade Bárbara Carine rompe com a estrutura educacional eurocêntrica hegemônica na sociedade fazendo um convite à ação necessária e urgente de se repensar os processos educacionais vigentes no nosso país. A proposta é bastante ousada e de vanguarda já que ao tocar na ferida que constitui a sociedade; ela quebra com a expectativa de criar manuais ou fórmulas prontas para resolver um problema, mas guia o leitor focando na potência do sujeito ontológico. O livro mostra um caminho de ação para educadores antirracistas ao relatar a construção de um currículo pedagógico decolonial que evidencia a potência de uma voz contra-colonial realizando um trabalho da construção de uma sociedade futura com cidadãos mais conscientes. Ser um profissional antirracista é um ato disruptivo. A educação é uma grande ferramenta na luta antirracista porque atos educativos são teleológicos. Construir currículos voltados para esse fim é o papel dos sistemas educacionais. Os utilizados atualmente são eurocentrados. Isso faz com que uma grande parcela da população brasileira seja aparentemente criada por um único tipo de sujeito. Por isso, é necessário que as escolas encontrem

¹ Maior titulação. Profissão. Instituição (SIGLA).

Patrícia Fernandes Costa é integrante do GEMS - Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre relações raciais na LECC/ECO-UFRJ; Graduada em Letras - Licenciatura Bilíngue e Literaturas Comparadas - pela PUC-Rio; Psicopedagoga pela AVM Faculdades Integradas Cândido Mendes; Terapeuta Holística. Professora de inglês na Secretaria Municipal do Rio de Janeiro e Guia Educacional. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: pfcprofessora@gmail.com

um currículo que potencialize outros tipos de sujeitos que reflitam essa diversidade que encontramos nas ruas.

A experiência escolar relatada no livro mostra uma quebra com o sistema educacional vigente ao basear-se nos grandes marcos civilizatórios. Por exemplo, ao aprenderem que o primeiro instrumento da humanidade a ser utilizado como calculadora foi o osso de lebombo faz com que esse aprendizado atue em vários níveis de conhecimento tanto conscientes quanto inconscientes, porque tange tanto a realidade material de ver e tocar no aparato tecnológico como também age de forma simbólica ao perceber que esse tipo de inteligência foi desenvolvido por aqueles que vieram antes e produziram muito conhecimento que não pode ser apagado. No momento em que a escola decide lidar com essa riqueza de informações não há como a criança não se ver como uma potência, pois entende que sua ancestralidade também é potência por ter deixado um legado inteiramente rico em todas as áreas do conhecimento. Bárbara Carine diz que “Se fomos destituídos de humanidade pelo atributo da razão é pelo intelecto que reconquistamos nossa dimensão humana.” (Pinheiro, 2023, p. 83). Trabalhar na perspectiva de um currículo decolonial é trazer a profundidade de Sankofa e entender que ter a possibilidade de olhar para trás e retornar às origens permite seguir adiante rumo a um futuro com mais potência. O currículo escolar rompe com a ênfase dada nos acontecimentos demarcados pelo processo eurocêntrico, embora não os negue porque o processo educacional é sobre instruir e não sobre alienar como se na elaboração do sujeito ontológico apenas uma única direção fosse possível por ser a correta. Assim, lembramos que somos constituídos por múltiplas culturas e por isso nossa história se inicia a milhares de anos e não apenas há quatro séculos. Então, uma subjetividade positiva e potente é criada pelas crianças negras que vivenciam esse contexto. É fundamental o papel do educador consciente, informado e questionador. Conforme a autora “professoras e professores são esses “doadores de memórias” com o papel de transmitir socialmente as novas gerações um legado cultural sistemático que tanto nos impulsiona no sentido do desenvolvimento humano” (Pinheiro, 2023, p. 24).

Aprender não é um processo trivial, “costumo dizer que o processo de aprendizagem “desrespeita” as estruturas cognitivas. Não é à toa que

geralmente as pessoas são fundamentalistas em seus conhecimentos e só querem saber o que já sabem” (Pinheiro, 2023, p. 72). Assim, a autora define que práticas antirracistas se ocupam da denúncia do racismo em um sentido maior que é o da reversão das práticas racistas. Lidar com esse problema requer ação que não se resume ao ato de falar, mas se colocar num lugar atuante de elaborar como mudar práticas destrutivas já enraizadas. O letramento racial torna-se ferramenta importante e de peso para a ontologia do ser antirracista já que pessoas racialmente letradas criam suas próprias agendas

Seguindo a cosmovisão Ubuntu a autora conta que todos os funcionários da sua escola são considerados importantes no processo educacional. Não faz sentido capacitar professores para o antirracismo e não fazer o mesmo com os profissionais da limpeza, administrativo porque seria como enxugar gelo. Todos estão inseridos no processo já que são sujeitos agentes.

“O mundo é plural e que por isso, diversidade não se constrói se celebra!”. Olhar a instituição escolar como uma micro sociedade e conscientizá-la de seu papel para um mundo antirracista e plural é um ato de celebração à diversidade assim como uma ação efetiva na construção de um futuro mais igualitário perante as estruturas de poder e formação sociais. Seguindo nessa direção de enfrentamento das estruturas sociais de desigualdade, o mito do da democracia racial cai por terra e é pautada a pedagogia da implosão. Segundo a autora, ser incluído significa ser convidada para uma festa na qual as pessoas já estabeleceram o que você pode vestir, comer, qual música você deve dançar. Trata-se de uma falsa abertura que não reconhece esses sujeitos como agentes; ou seja, ser incluído é receber uma aval, uma autorização para estar em um ambiente, porém continuar seguindo e mantendo o padrão vigente. Incluir significa colocar para dentro sem se preocupar com a subjetividade e o que o outro tem a contribuir naquele espaço. Segundo Pinheiro, a pedagogia da implosão destrói/ implode o edifício brancocêntrico ocidental e constrói, a várias mãos, a nova festa da diversidade com cada um escolhendo o seu par, sua vestimenta sua comida, seu modo de dançar, uma verdadeira celebração à existência humana e de suas amplas potencialidades. A autora entende que a escola é o ambiente por excelência do acolhimento e que esse espaço não pode fomentar o abandono.

Por isso, a escola deve ser o espaço que assegura a equidade racial em todas as suas instâncias e cabe aos profissionais desse espaço pautar no cotidiano de seu trabalho conhecimentos afro-diaspóricos, africanos e indígenas assim como difundir e estimular obras literárias escritas por pessoas negras visto a vastidão da produção intelectual dessas pessoas com o intuito de romper com os estereótipos racistas historicamente construídos. Ao incluir celebrações de diversas culturas e marcos reflexivos para conscientização e autoconscientização um novo prisma de construção social se abre em detrimento da dicotomia trazida pela visão eurocêntrica. Sendo assim, o antirracismo é agora!